

Cinco poetas da Europa Centro-Oriental: forja mágica de metáforas e temas

Aleksandar Jovanović

Resumo: O presente texto objetiva mostrar, de forma resumida, que a Europa Centro-Oriental sempre pareceu desconhecida aos olhos do mundo ocidental em vários aspectos. Também são feitas referências aos diversos conflitos de que o território foi palco. No entanto, sob o ponto de vista de contribuições intelectuais, sobretudo na Literatura e, em especial, na poesia, a assim chamada outra Europa sempre se destacou. Entre nós, as traduções diretas remontam a poucas décadas. São aqui apresentados poemas, na língua original e tradução para o português, de cinco escritores, respectivamente, um macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio.

Palavras-chave: Literatura da Europa-Centro-Oriental 2. Tradução direta 3. Poesia

1. Mitos & fatos

Se, de um lado, o pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) utilizou um forte sarcasmo para referir-se ao Velho Continente – “a antiga Ásia e sua península avançada, (a) Europa” (“*Das alte Asien und sein vorgeschobenes Halbinselchen Europa*”) –, o poeta russo Joseph Brodsky (1940-1996) preferiu rotular a Europa Centro-Oriental como “Ásia ocidental”.

Por certo, motivações bem diferentes determinaram ambas as definições. No caso do bardo russo, a referência, com efeito, remete àquilo que Bérend identifica como combinação de instituições medievais, com privilégios para a nobreza, coerções medievais sobre as atividades da indústria e do comércio, ausência de liberdades individuais, permanência de um sistema de servos da gleba que não deixaram de atingir diversos países centro-orientais ainda na segunda metade do século XIX (BÉREND, 1998: *passim*). Fatores que, durante os três últimos séculos

no milênio passado, impediram que mudanças socioeconômicas resultantes das Revoluções Industrial e Francesa polinizassem, em tempo real, a *outra* metade daquele continente.

O que se descortina é um mundo em que se respira relação íntima com o passado distante, a ponto de muitos habitantes daqueles espaços sinalizarem que creem na existência objetiva de um longo *continuum* histórico. Ali, até 1918, basicamente não houve modelos democráticos de Estado em vigor e as conquistas advindas do racionalismo e do Iluminismo do século XVIII passaram como rápido sopro de vento, sem deixar profundas marcas na vida institucional. É necessário lembrar os argumentos de Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 1997: *passim*): a *revolução dual* a que alude o historiador – a Revolução Industrial, que lançou as bases da economia contemporânea e a Francesa, que semeou as mudanças socioeconômicas criou condições para um desenvolvimento mais acelerado e mais igualitário na Europa Ocidental. Mas espargiu, de modo bastante tímido as porções centro-europeias do continente

Parcela expressiva desse território foi “lida” como desmoronamento do império *k. und k.* (*königlich und kaiserlich*, real e imperial), a tal *Kakania*, genial, coprológica e ironicamente etiquetado por Robert Musil (1880-1942), i. e., o Império dos Habsburgos ou o que resultou de seu esfacelamento. O escritor tcheco Milan Kundera (1929-) havia escrito, no início dos anos 80, que a Europa Central era um espaço “situado no centro do Velho Continente, sob o ponto de vista geográfico; no Ocidente, sob o ponto de vista cultural, e no Oriente, sob o ponto de vista político” (KUNDERA, 1984: *passim*). Já o ensaísta britânico Timothy Garton Ash chegou a especular a respeito da experiência comum de “pequenas nações submetidas a grandes impérios” ao mencionar aquele pedaço de mundo (ASH: 1990, *passim*).

Por sua vez, o escritor sérvio Danilo Kiš (1935-1989) cunhou a significativa frase: “*a Europa Centro-Oriental é aquele território que produziu mais História do que pôde consumir*”. Evidente alusão à sucessão de violentos conflitos com que os povos centro-orientais da Europa precisaram defrontar-se ao longo de sua vetusta, mas conturbada História, e cujo ápice foram, sem sombra de dúvida, as barbáries sem precedentes do século XX. Nesse contexto específico, merecem menção os escritores assassinados durante a Segunda Guerra Mundial: o esloveno Karel Destovnik Kajuh (1922-1944); o húngaro Miklós Radnóti (1909-1944), o búlgaro Nikola Váptzarov (1909-1942) e o iugoslavo (sérvio) Ivan Goran Kovačić (1913-1943), liquidados pelos colaboradores da ocupação nazifascista; os eslovenos Ivo Grahor (1902-1944), morto no campo de concentração de Dachau e Tone Siferer

(1911-1942), desaparecido no campo de Mauthausen; e ainda os poloneses Tadeusz Gajcy (1922-1944), Bruno Schulz (1892-1942) e Krzysztof Baczyński (1921-1944) e o tcheco Jiří Orten (1919-1941).

Em se tratando de produção artístico-cultural, por outro lado, é possível lançar um olhar de natureza diferente sobre essas terras e povos. Não é o caso de elaborar índice onomástico (seja exaustivo ou não) para listar indivíduos e os incontáveis domínios do conhecimento em que puderam oferecer contribuição criativa ímpar; tampouco é propósito ou tema do presente trabalho. Cabe, contudo, observar que pequenos povos, muitas vezes, apresentam artistas vigorosos em diferentes domínios. E a Literatura tem sido, ao longo de séculos, um dos principais tabuleiros de xadrez sobre o qual as complexas relações entre História, cultura, línguas e movimentos artísticos desfilam. A Europa Centro-Oriental – fronteira intrincada e, muitas vezes violenta, de civilizações – tem dado exemplos diversos e reiterados nesse sentido, visto que produziu, em nações de população pouco numerosa ou não, muitos artistas de porte.

A rica e vasta Literatura dessa *outra Europa* foi (bem pouco) conhecida por estas plagas e sempre através de traduções de traduções; logo, por meio de tra(i) (du)ções indiretas. Portanto, o jogo paronomástico encerrado na conhecida expressão italiana - traduttore, traditore – precisava ser elevado à potência máxima em termos de traição...É por demais conhecido o fato de que, entre nós, contato com obras de escritores centro-europeus, via tradução direta, teve importantes pioneiros como Paulo Rónai, Boris Schnaiderman, Haroldo e Augusto de Campos. E somente há pouco mais de três décadas é que o leque de traduções diretas se abriu para autores de outras línguas que não o húngaro e o russo.

Seria possível fazer longas, quase incontáveis, digressões relativas à tradição literária dos povos e línguas aqui mencionados. Poder-se-ia começar pelo *Século de Ouro* da Literatura Tcheca, na Baixa Idade Média; prosseguir com o poeta renascentista polonês Jan Kochanowski (1530-1584), as *Eras Dourada* (século XIX, na prosa) e *Prateada* (início do século XX, na poesia), citando figuras como Liév Tolstói (1828-1910) e Fiódor Dostoievski (1821-1881) e tantos outros. Seria um infundável registro de nomes, datas, obras em poesia e prosa, correntes literárias, etc., etc., que poderia, inclusive, abarcar os vários Prêmios Nobel. Uma vez mais não é esse o objeto aqui.

Nosso modesto intuito é o de focar apenas a poesia de algumas das línguas da Europa Centro-Oriental, sobretudo no século XX, com o fito de exemplificar a profusão de correntes e autores capazes de lidar com temas incomuns e forjar as obras e metáforas mais inusitadas e raras. E o fazemos com cinco poetas– um

macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio –, representados/apresentados por um poema traduzido diretamente de cada um desses idiomas. Trata-se, na ordem mencionada, de Bogumil Diúzel, Liubomir Lévtchev, Barbara Korun, Tadeusz Rózewicz e Miodrag Pávlovitch.

Cabe destacar que desde que começamos a trabalhar com tradução, adotamos, claramente e *ab initio*, um princípio formulado por Haroldo de Campos, há décadas, num texto que já se tornou clássico: “Traduzir de ser criar- re-criar, sob pena de esterilização, e petrificação, o que é pior que a alternativa de traír” (CAMPOS, 1976: 43). O tradutor deve restabelecer, re-criar na língua de chegada as relações contraídas entre os planos do conteúdo e da expressão no idioma de partida. Este problema agrava-se, dramatiza-se, quando se trata de um texto poético. As razões parecem óbvias, face à pluri-isotopia desses textos.

Parece evidente que a disjunção poesia/prosa deixa de ser relevante frente à notação da transcrição. Devemos aduzir, no entanto, que a tradução encarada enquanto transcrição deve ser entendida, também, como transcodificação intermacrosemiótica, isto é, de uma macrosemiótica (conjunto de todos os sistemas semióticos e seus discursos em operação numa comunidade sócio- linguístico- cultural) para outra macrosemiótica. Em se tratando de um sistema semiótico verbal, é preciso restabelecer na língua- meta o isomorfismo (no sentido hjelmsleviano) entre os planos da expressão e do conteúdo, estabelecidos na língua de partida.

As questões de natureza teórica suscitadas pelo problema da operação tradutora são mais complexos e extensos do que as poucas observações aqui expostas. Contudo, elas têm como propósito exclusivo situar a perspectiva que vem orientando nossa ação prática no terreno da tradução, lembrando, ademais, que não consideramos possível efetuar um trabalho consciente de tradução sem uma postura teórica claramente definida diante dos procedimentos a serem adotados, sob pena de o texto traduzido tornar-se estéril, perdendo sentido(s) e qualidade.

Umberto Eco menciona, de modo explícito, a absoluta necessidade de o tradutor respeitar o sentido profundo do texto que transpõe para outra língua/cultura (ECO, 2003, *passim*). Por outro lado, a noção de que traduzir é, em certa medida, transcriar no idioma de chegada para sempre respeitar (se e quando isso é factível) o texto original, torna-se mais aguda diante do texto poético. Foi com base nos conceitos mencionados que os textos traduzidos adiante foram tratados.

2. Macedônia

Talvez seja o caso de começar com a “mais jovem língua eslava”, o macedônio, normatizado no final da Segunda Guerra Mundial – com base nos dialetos centrais do idioma falado pelo povo – como veículo da ciência, tecnologia, comunicação, instrução e literatura. A Macedônia (dois milhões de habitantes) tornou-se país independente ao optar por uma separação pacífica da Iugoslávia, em 1991. Embora, o Estado seja jovem, o povo e seu idioma não o são. Tribos eslavas invadiram a Península Balcânica no sexto século de nossa era e ali permaneceram. Com o tempo, formaram-se reinos, principados e diversas línguas foram se diferenciando. Em poucas palavras: a língua que os ancestrais dos macedônios falavam tornou-se conhecido como **eslavo eclesiástico** e serviu para a tradução das Escrituras e para a cristianização dos povos eslavos. Durante séculos, as línguas literária e popular não eram idênticas.

Dentre a extensa relação de possibilidades, decidimos ilustrar com Bogumil Diúzel (1939-), um dos mais importantes poetas macedônios contemporâneos. Diúzel pode ser categorizado como artista que recorre à tradição poética de seu povo, à História e aos padrões (cânones) de sua cultura para submetê-los a uma reformulação, à luz, muitas vezes, dos postulados do neo-surrealismo, dando vazão ao inconsciente. -) integra a chamada *geração dos anos 60* de poetas que simbolizou mudança fundamental no panorama da poesia macedônia contemporânea.

Em 1961, lança o manifesto *O épico em votação* (**Епското во гласање**), plataforma dos poetas dispostos a romper com o peso das formas fixas herdadas da literatura oral, de longa tradição. Publica mais de uma dezena de e *Poesia escolhida:1962-2002* (**Одбрана поезија -1962-2002**). Sua obra foi traduzida para inúmeras línguas.

Утробата на дланка

Дождот одезди како сенишна коњица
преку езерото – само копјата исфрлени
беа стварни, секое со остриот чаталест врв
погаѓаше по една пора од езерската кожа
но веднаш место рани никнеа струпки-трпки

Се наежави така сверката, па се смири
и почна да си ги лиже лузните
со долгиот јазик на далгите една врз друга
раздишлените самовилски платна со сапуница пења
на брегот да исплават валканици, спици и трици...

Зашумеа жолто-белите суви трски
(во нив ли се престорија копјата гоа вистински?)
сушејќи си ги крилјата – наскоро ќе им никнат
нови зелено-модри перја, пердуви и клунови
– изнурнатите пајки, норки и корморани...

Големата Вода си ја преврте и обнови утробата
сред раздуваните бели облаци се појавија дамки
синило и сончевина а на езерската дланка
се истркала од прозирните длабини па дур до небо
огромниот смарагд – јајце велигденско со мартинки виножито

Охрид, крај на март

O ventre na palma da mão

Lago afora a chuva vai-se embora
feito cavalaria fantasma – somente cascos desgastados
são realidade, e cada um com afiada ponta bifurcada
a rasgar cada poro da epiderme lacustre
em vez de chagas porém brotam crostas-arrepios

Eriçou-se esse animal e serenou
e passou a lambar as próprias peles
com a longa língua longos plátanos enfileirados
estirados por ninfas com bolhas de sabão e espuma
para que na elevação sobrenadem pedaços de madeira e restos

Farfalharam os secos caniços fúlvido-avos
(a lança neles transforma-se de verdade?)
enxugando as próprias asas – em breve germinarão
novas penugens verde-azuladas, penas e bicos
- marrecos que emergem, cormorões que submergem

A extensa Água revolve e renova o ventre
em meio às alvas nuvens esparramadas surgem nódoas
o azul-escuro o brilho do sol mas sobre a palma da mão do lago
da transparência profunda emerge até o firmamento
esmeralda gigantesca – ovo de Páscoa em fita rubro-branca sobre o arco-íris

Obrid, final de Março

3. Bulgária

No caso da Bulgária, país de oito milhões de habitantes, nem língua nem literatura são assuntos muito conhecidos. Falar-se em poesia, entre nós, menos ainda. Búlgaros que se tornaram mundialmente conhecidos não o foram pelo uso desse idioma eslavo. O linguista e pensador Tzvetan Todorov (1939-), discípulo de Roland Barthes, estabeleceu-se em Paris, em 1963, onde fez carreira e tornou-se conhecido por intermédio de suas obras escritas em francês. Julia Kristeva (1924-), linguista, crítica literária, também estabelecida em França desde o início dos anos 60, também obteve renome mundial com sua vasta obra escrita na língua de Rabelais. Por fim, Elias Canetti (1905-1994), romancista, Prêmio Nobel de 1981, nascido na Bulgária; porém, durante a infância, mudou-se para a Grã-Bretanha, depois Suíça e Alemanha, e redigiu toda a sua obra no idioma de Goethe.

Já o poeta Liubomir Lévtchev (1935-) tornou-se uma das vozes mais importantes da poesia em sua língua. A exemplo de tantos outros poetas modernos de línguas da Europa Centro-Oriental, Lévtchev caracteriza-se por ter dado lugar à linguagem quase-coloquial na literatura, pelas metáforas surpreendentes e pela tematização de assuntos que, antes, escapavam ao domínio poético. Pode ser considerado a grande voz da poesia búlgara no século XX. Estreou em 1957, com o volume *Звездите са мои. Стихотворения* (*As estrelas são minhas. Poemas*) e publicou mais de duas dezenas de obras poéticas desde então.

И ЕТО*На Бистра*

И ето аз отново чакам
голямата любов.
И ето аз отново гледам
големия часовник.
Върху голямата стрелка
е кацнал гълъб
самичък
като мен...
Червени облаци димят
в следобедната тишина.
И ето
траква
голямата стрелка
чертичка по-надолу пада.
Избухват гълъбовите крила.
Уплашената птица литва
като египетска душа.
Аз гледам как над покривите пърха
една изгубена минута
и се изгубва...
И остава
страхът на гълъба
в сърцето ми.

E eis

Para Bistra

E eis que aguardo o grande amor
uma vez mais.

E eis que contemplo o grande relógio
uma vez mais.

Sobre a longa flecha
uma pomba pousou
solitária
assim como eu.

Nuvens rubras fumegam
no silêncio da tarde.

E eis
que a longa flecha
golpeia;
o mostrador desliza para baixo.

As asas da pomba explodem.

A assustada ave voa
feito alma egípcia.

Observo sobre os telhados
um instante perdido que esvoaça
e fenece.

E resta
o medo da pomba
em meu coração.

4. Eslovênia

Até o começo da última década do século XX, os eslovenos jamais tiveram seu próprio estado, porque basicamente viveram sob o impacto e dominação política do mundo de língua germânica e, durante 73 anos, a partir de 1918, integraram, por opção própria, a Iugoslávia. No século XX, a poesia tem sido o cenário em que os escritores de língua eslovena têm se destacado, mais do que os prosadores.

A Literatura Eslovena em língua popular remonta ao século XVI, debaixo do impacto da Reforma; o principal nome a ser destacado é o de Primož Trubar (1508-1586). Mas foi no século XIX, sob o impacto das revoluções nacionalistas da Europa, que o esloveno literário acabou sendo fixado pela obra do poeta France Prešern (1800-1849) e graças ao trabalho do linguista e filólogo Jernej Kopitar (1780-1847), censor do regime dos Habsburgos para livros publicados pelas minorias eslavas do império. Nos dias atuais, o poeta Tomaž Šalamun (1941-2014) é o nome da Literatura Eslovena mais conhecido e celebrado internacionalmente.

Barbara Korun (1963-) é uma poetisa que emerge como figura de destaque entre as suas compatriotas. É autora de *Ostrina miline* (O Fio da Graciosidade, 1999), *Zapiski iz podmizja* (Notas tomadas sob a mesa, 2003) e *Razpoke* (Fissuras, 2004). Seus poemas aparecem em antologias publicadas em, pelo menos, doze línguas.

LUNA ME BO POKRILA

Imam dve živali.
Rdečo in modro.
Ko modra pije, rdeča
dirja.
In obratno.
Nikoli ju ne morem ujeti,
razpeta med počivajočo in dirjajočo.

Spustila bom misel
za vabo,
daleč daleč v ravnino.
Ne bosta opazili,
z gobci vohajoč neskončnost.
Legla bom v travo
blizu izvira in
zaspala.
Luna me bo pokrila.

Zjutraj
s prvimi vodoravnimi žarki
bosta prišli.
Utrujeni, potni, penastih gobcev.
Potem bomo
skupaj
pili vodo.

A LUA HÁ DE COBRIR-ME

Tenho dois animais.
Um rubro, outro azul.
Quando o azul bebe, o rubro
ataca.
E ao contrário.
Nunca consigo apanhá-los,
esticada entre o que repousa e o que corre.

Baixarei um pensamento
assim
longe longe na planície.
Não me notarão
com o focinho farejando o infinito.

Deitarei na relva
próximo ao poço e
adormecerei.
A lua há de cobrir-me.

Amanhã
com os primeiros raios horizontais
eles chegarão.
Extenuados, suados, focinhos espumantes.

Depois
juntos
tomaremos água.

5. Polônia

A Literatura Polonesa remonta à Baixa Idade Média , mas no final daquele período e início da Era Moderna o poeta Jan Kochanowski (1530-1584) foi, sem dúvida, a figura de maior expressão. No Romantismo, o poeta, dramaturgo, ensaísta e professor Adam Mickiewicz (1798-1855) emerge como nome de proa. No século XX, cabe mencionar Witold Gombrowicz (1904-1969), Bruno Schulz (1892-1942), o romancista, ensaísta Czesław Miłosz (1911-2004), prêmio Nobel de Literatura em 1980, os poetas Wisława Szymborska (1923-2012), prêmio Nobel de Literatura em 1996, Zbigniew Herbert (1924-1998) e Tadeusz Różewicz (1921-2014), que também foi dramaturgo.

Różewicz foi um poeta original em todos os sentidos, tendo inovado na forma e no conteúdo temático.

MOJA POEZJA

niczego nie tłumaczy
niczego nie wyjaśnia
niczego się nie wyrzeka
nie ogarnia sobą całości
nie spełnia nadziei

nie stwarza nowych reguł gry
nie bierze udziału w zabawie
ma miejsce zakreślone
które musi wypełnić

jeśli nie jest mową ezoteryczną
jeśli nie mówi oryginalnie
jeśli nie zadziwia
widocznie tak trzeba

jest posłuszna własnej konieczności
własnym możliwościom
i ograniczeniom
przegrywa sama ze sobą

nie wchodzi na miejsce innej
i nie może być przez inną zastąpiona
otwarta dla wszystkich
pozbawiona tajemnicy

ma wiele zadań
którym nigdy nie podola

(1965)

Minha poesia

nada traduz
nada explica
nada expressa
não abarca totalidade alguma
não reifica esperança alguma

não cria regras novas
não participa de diversão alguma
possui lugar definido
que deve preencher

se não é esotérica
se não é original
se não deixa perplexo
assim deve então supostamente ser

obedece à própria necessidade
às próprias possibilidades
e limitações
é autodominada

não substitui coisa alguma
não pode ser substituída por coisa alguma
é aberta a tudo
sem segredos

possui muitas tarefas
que jamais satisfaz

(1965)

6. Sérvia

A Literatura da Sérvia remonta ao século X, mas, a exemplo de diversos outros países eslavos ortodoxos, durante séculos línguas literária e popular eram bastante diferentes. No Barroco, cabe destacar figuras como os prosadores Gavriilo Stefanović Venclović (1670-1749) e Zaharija Orfelin (1726-1785). Depois, a figura mais eminente foi Dositej Obradović (1739- 1811), poliglota, linguista e filósofo. Na era moderna, o poeta Miloš Crnjanski (1893-1977), os romancistas Ivo Andrić (1892-1975), prêmio Nobel de Literatura em 1961; Danilo Kiš (1935-1989) e Milorad Pavić (1929-2009).

Miodrag Pávlovitch (1928 -2014) demarca um novo território a poesia da Sérvia - juntamente com Vasko Popa (1922- 1991) e Stevan Raičković (1928-2007) - com seus dois primeiros livros – **87 Песма** (*87 Poemas*), em 1952, e **Стуб сећања** (*Coluna da Memória*), em 1953: além de apontar para o surgimento de uma nova poética, que confunde a geração pró-Iessiênin, expressa a revolta contra a decadência. Racionaliza o procedimento poético, adota motivos urbanos, deixa escapar aqui e ali uma fina mas aguda ponta de cinismo intelectual e a ausência inicial de metáforas transforma-se numa série de visões poéticas (ou seriam po-éticas?) da História. Adepto do verso livre, reconhece a tragédia do mundo em que vive, diagrama o mapa do grotesco e tematiza o drama humano sobre as diversas encruzilhadas da História, de onde o tom satírico e, muitas vezes, apocalíptico. Na verdade, seus referenciais teóricos são a História das civilizações, culturas, religiões, as diversas Mitologias, as correntes de pensamento contemporâneas e a História de seu pequeno povo.

Жељени облик

Шта значи “форма коју човек жели”?

Јасно, то је обличје којем се чежња усмерава,
са којим жели блискост, и хоће да је има посред стана.
Ипак то за чиме жуде недовољно се приближава,
и не може под сопствену власт да се доведе.
Постоји форма којој се човек диви, којој стреми,
или је носи са собом, није потребно да укине вољу
да би у њој могао да ужива, воља га никуд и не води.
Ако нађе свој жељени облик и успе да с њим остане,
стекао је неко вољење које је у исто време његов пртљаг.
Неодређеност хтења има и своју страну добру:
може свако од нас у нешто друго да га преобрази:
жељени облик постаје наука вишња, између звезда
путоказ искупљења. Одгонетка што своја слова
не мора ни да изговара, обећање раскоши
и благо које се скупља у нашој руци, да би смо га
изложили потрошњи, она рука која се о плодности стара
и снага која се у свету рађа да затим истом свету
одузима пуноћу и дрвеће основно у понор пообара.
Оно што нас мами и зове – смишља искушења:
доводи нас у шуму која никад није била рајска:
у име савршенства тамо се и злочин оправда,
тако је одувек: други се у страну гурне
да би се вршила наша истина налик открочењу:
или се одричемо од света да би смо видели лепоту
скривену иза ума и одбацили наличја,
која су већ тражила брисање са списка и смену.
За то је свака чежња подла, бар у прво време
док не дође власт нека друга, обично од претходне
суровија и гора, онда настаје могућно озарење
и облик који нас на други језик преведе.
Дивљој смо шуми ишчупали корен и долазимо до оног
што лебди као птица изнад залазећег сунца
затим се смешта на свето дрво и брине о позлати
лика похрањеног у стаблу неувелог грања.

A forma desejada

O que significa “a forma que se deseja”?

Claro, é o aspecto em cuja direção a ânsia caminha, com o qual deseja proximidade, e que pretende ter em sua morada. Ainda assim, o que deseja aproxima-se de modo insuficiente e não se pode colocá-lo sob controle.

Existe a forma que se admira, que se busca, o que se carrega, não é preciso interromper a vontade de contemplá-la, a volição não conduz mesmo a lugar algum. Quando se encontra a forma desejada, e consegue-se ficar com ela, obtém-se um desejo que também se torna bagagem. A imprecisão do desejo tem um aspecto positivo: pode transformar cada um de nós em outra coisa, a forma desejada torna-se alta ciência, indicador de caminhos da redenção inscrito em estrelas, charada que suas letras sequer precisa expressar, promessa de abundância e tesouro que se concentra em nossas mãos, para que possamos submetê-lo ao consumo, aquela mão ocupada de fecundidade, e força que nasce no mundo para nele depois desapossar a plenitude e lançar no precipício o arvoredo primevo. Aquilo que nos atrai e chama – articula a tentação e conduz-nos ao bosque que jamais foi o do paraíso em nome da perfeição ali até o crime acaba justificado assim é desde o princípio – os outros são postos de lado para que a nossa verdade seja executada como se fosse descoberta ou renunciemos ao mundo para que enxerguemos a beleza escondida atrás da mente e descartemos as aparências que já pediam para serem apagadas da lista e trocadas. Por isso, toda ânsia é vil, ao menos no início até que surja um novo poder, habitualmente pior e mais violento que o anterior, e então instaura-se a possibilidade e a forma que nos traduz para outra língua. Arrancamos as raízes da floresta virgem e aproximamo-nos daquilo que volteia como pássaro acima do sol poente depois se aninha sobre a árvore sagrada e doura a forma depositada no tronco e na ramagem-que-jamais-murcha.

Bibliografia

ASH, Timothy Garton – *Eastern Europe: The Year of Truth*. New York Review of Books. February 15, 1990.

BÉREND, Iván – *Decades of Crisis (Central and Eastern Europe before World War II)*. Berkeley (CA), University of California Press, 1998.

Burkot, Stanislaw – *Tadeusz Różewicz*. Warszawa: Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. *O Texto como Produção (Maiakovski)*. In: *A Operação do Texto*, São Paulo: Perspectiva, 1976.

Đurčinov, Jovan – *Nova makedonska književnost (A nova literatura macedônia)*, Beograd, Nolit, 1988.

Ѓузел, Богомила – *Историјата како маштеа (A História enquanto madrasta)*, Скопје, Мисла, 1971.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*. Milano, Bompiani, 2003.

HOBSBAWM, Eric – *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

КОНЕСКИ, Блаже -: *Јазични Теми (Temas Linguísticos)*, Скопје, Мисла, 1981.

KUNDERA, Milan – *The Tragedy of Central Europe*. New York Review of Books. April 26, 1984.

Марковић, Миливоје – *Антологија српске послератне поезије (Antologia da poesia sérvia do pós-guerra)*. Београд, Научна књига/Конекс, 1992.

Miłosz, Czesław. *The History of Polish Literature*. London-New York: MacMillan, 1969.

Szabolcsi, Miklós – *Világirodalom a 20. Században: főbb áramlatok (Literatura universal no século 20: as principais correntes)*. Budapest: Gondolat, 1987.

Хаджикосев, Симеон – *Съвременна българска поезия (Poesia búlgara contemporânea)*. Велико Търново, 1994.